

MULHERES E A QUEBRA DAS CORRENTES¹

Poucas delas sabiam o que de fato ia acontecer naquele amanhecer. O que todas sabiam, é que aquele era um dia de luta das mulheres, porque março ainda não acabou. E sabiam muito bem, que qualquer coisa que houvesse sido planejada pelas camaradas representaria seus desejos, seus sentimentos e sua vontade de permanecerem vivas.

Nós estávamos em 500 mulheres! Na verdade, não, estávamos em muito mais, nós carregávamos em nossos corpos outras tantas mulheres que se misturavam em nosso sangue, em nossa pele, em nosso suor, e nos nossos punhos. Aquelas cujas vidas foram ceifadas pelo fato de serem mulheres. Nós nos tornamos Marielles, Dalvas, Marias e Jocilenes, nos tornamos também nossas avós, nossas mães e tantas meninas que estão desabrochando para a vida. Elas estavam todas ali, gritando em nós, respirando a brisa fresca da madrugada.

Não tínhamos armas, dessas que o presidente do Brasil usa em seus discursos vazios e odiosos para ameaçar pobres, negros, mulheres, crianças nas escolas. Porém, tínhamos as nossas certezas, de que

precisamos lutar para permanecermos vivas, sim, VIVAS, respirando!

O incrível é que mesmo não sabendo exatamente o que viria a acontecer, elas sabiam que aquele lenço de chita, aquele silêncio, em que só se ouvia a respiração uma da outra, era indicativo de algo grandioso, deslumbrante e emocionante e que nos levava para a quebra das correntes.

Sabe por quê? Porque nossa resistência é contra tudo o que fere nossa existência! Por isso, ir sem mesmo saber para onde, sem questionar. Tínhamos claro que nosso caminho poderia ser interrompido, que algo poderia acontecer para nos parar, poderíamos ser atacadas por bandidos, estes que são do estado ou mesmo estes que são pagos para matar. Poderiam nos tirar a vida! Mas desta vez não seria simplesmente pelo fato de sermos mulheres. Agora seria, sim, porque saímos do anonimato, porque ousamos erguer a cabeça e colocar o boné da organização que não se cala diante das injustiças cometidas.

¹ Carta Aberta às Mulheres escrita pela autora em 14 de março de 2019.

Eles não nos pararam no caminho, mas logo que chegamos eles vieram. Pensavam em nos intimidar, com suas armas em punho e com a agressividade de machos todo poderosos; pensavam que iríamos correr e nos esconder. Ledo engano desses algozes da morte... Nós, ao som de um chamado, fomos ao encontro deles, afinal, já não tinham mais nada a nos tirar... ou tinham?

“Se ficamos com medo?” Sim, mas como já dissemos, nós éramos muitas, milhares, milhões. Tínhamos os lenços de chita que embelezavam nossos rostos, e nos davam identidade, essa senha que nos torna uma só; estávamos floridas, coloridas, com o nosso belo traje de guerreiras.

Aos poucos a gente se reconhecia, por vezes pelos cabelos de muitas cores e cortes, pelos olhos, pelo jeito de colocar a mão na cintura, pela forma de erguer o punho, e, assim, seguimos aos poucos nos conhecendo e nos reconhecendo, nos cuidando, nos protegendo.

Naquele momento já não se ouvia mais a respiração, porque havia outros sons mais fortes, o som da quebra das correntes nos arrepiava, nos provocava gritos emocionados, como se aquelas correntes que identificavam o latifúndio não fossem só isso, e de fato não eram. É nessa concentração, nesse poder que se

apresentam o tráfico, a exploração, a violência, e a apropriação de nossos corpos, de nossas vidas, de nosso trabalho e do poder de dominação.

Aquelas correntes de fato tão fortes, tão grossas, malditas, pesadas e cruéis tinham que ser quebradas, rompidas, estraçalhadas. O ‘tililim’ do impacto do machado e da marreta na quebra das correntes que nos aprisionam soava como uma música clássica aos nossos ouvidos tão desacostumados a escutar.

Com as trocas de olhares, de abraços, de emoções o grupo foi tomando seus lugares, pegando as ferramentas para a construção dos espaços coletivos para dormir, alimentar, cuidar da saúde, da segurança. Muito rapidamente aquele latifúndio de estuprador de mulheres virou um jardim de histórias, de “causos”, de esperança da conquista da terra, de justiça e de desejos de poder desejar. Eram as chitas que circulavam, que se cruzavam e conspiravam.

Cada uma a seu modo continuava a observar e a se envolver com o nome que carregava no peito. Cada uma recebeu o nome de uma das muitas mulheres violentadas, assediadas, assassinadas neste último período. Em cada canto daquele quadrado ocupado estava rolando um assunto, típico das rodas de diálogos, os

risos e gargalhadas dos causos engraçados que cada uma tem a contar e a socializar.

Todavia, um círculo foi especialmente marcado de muita emoção, partilha, compromisso, camaradagem e respeito, trazendo para uma roda pequenina o sentido de estarmos ali, naquela ocupação, naquelas terras, naquele lugar.

Falávamos naquela roda de mulheres sobre o sentido de carregar em nosso corpo, em nosso peito aqueles nomes de mulheres que nunca vimos, mas estavam dentro de nós, circulando em nossas veias, nossa pele, nossa existência. Pelas estatísticas, durante o tempo que ali estávamos uma mulher já tinha sido assassinada no país. Que dado alarmante: a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil!

Foi quando fixei meu olhar nos olhos meigos e ao mesmo tempo tão fortes daquelas mulheres que ali estavam, e percebi que elas estavam com os olhos banhados de lágrimas. Então, espontaneamente um dedinho lentamente se levantou, e com a voz trêmula disse: “Eu quero falar”, fala companheira! “Quero contar! “Eu não estou carregando o crachá de outra mulher, eu estou carregando a minha história que está guardada no meu pensamento, nos meus pesadelos, nas minhas noites sem dormir. Meu pai

estendeu a cama para me estuprar, e como não aceitei, corri, esperneeí, gritei, me desesperei, ele me deu uma surra tão grande de facão cujas marcas carrego até hoje, olhem aqui..., mas, não acaba aqui. Minha mãezinha com medo do que poderia vir pela frente, aconselhou-me, dizendo: por que você não aceitou minha filha, talvez não teria sido espancada”. E terminou: “meu pai, que DEUS o tenha”.

Nesse momento não tinha como conter as lágrimas, todas tentando falar alguma coisa para confortar e nós fazermos mais fortes, mas o nó da garganta nos impedia. Foi quando em soluços outra segue a prosa abafando o ‘tililim’ da quebra das correntes e começa a falar. “Eu fui violentada dos 5 aos 15 anos de idade pelos meus tios...” Os soluços eram tantos que teve uma pausa para recuperar o fôlego para continuar – “Foi quando aos meus 15 anos, decidi sair de casa, então me casei pensando em me libertar”. Que vida cruel essa das mulheres, né? “No casamento vivi a violência física.” Mais uma pausa para recuperar as forças, e ela então continuou, “Hoje eu não aceito nenhum tipo de violência, às vezes acho que eu sou até violenta para nada me atingir. E por isso estar aqui me faz viva, me sinto capaz de enfrentar e sei que tenho que lutar para que isso se acabe para todas nós.”

As histórias são muitas e o som da quebra das correntes ainda há de soar mais forte e inundar os corações, ainda há de ecoar no grito da terra, dos nossos corpos,

ventres, úteros, pensamentos, peles, falas, olhares... Rumo ao horizonte e ao mais profundo e verdadeiro sentimento de LIBERDADE!

Rosmeri Witcel²

MST Brasil, 14 de março de 2019

² Militante do MST. Possui graduação em História - MSC - pela Universidade Federal da Paraíba. Especialização em Residência Agrária pela FUP-UNB. Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, pela UNESP, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Psicanalista em formação no ITPH. e-mail: rosmerienff@gmail.com